



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1681355

Território, Corpo e Cidade: acessibilidade e (in)visibilidade espacial em escolas públicas de Manaus

Rânelly Daiana Monteiro da Costa¹

Resumo

Este relato de experiência tem como objetivo analisar a acessibilidade física de três escolas públicas e seus entornos nas zonas Sul, Leste e Centro-Sul de Manaus (AM), a partir das experiências desenvolvidas nos Estágios Curriculares Supervisionados da Licenciatura em Geografia. Com base na observação das escolas e de seus bairros, propõe-se uma leitura territorial fundamentada em Bertha Becker, Rogério Haesbaert e Milton Santos. As análises evidenciam que a acessibilidade escolar ocorre de forma pontual, revelando um padrão recorrente de exclusão espacial na cidade. O relato destaca a necessidade de ampliar pesquisas sobre território e cultura na Amazônia urbana, oferecendo uma abordagem geográfica replicável que relaciona observações arquitetônicas locais aos processos históricos de urbanização seletiva.

Palavras-chave: Território; Acessibilidade; Escolas; Urbanização amazônica; Geografia.

Territory, Body and City: spatial accessibility and (in)visibility in public schools of Manaus

Abstract

This experience report analyzes the physical accessibility of three public schools and their surrounding neighborhoods located in the South, East, and South-Central districts of Manaus, Amazonas, Brazil. The analysis is based on fieldwork carried out during the Supervised Teaching Practicum of an undergraduate Geography Teacher Education Program. Drawing on direct observations of both the school environments and the urban spaces around them, the study adopts a territorial perspective informed by the works of Bertha Becker, Rogério Haesbaert, and Milton Santos. The findings indicate that accessibility measures are limited and unevenly distributed, reflecting broader patterns of spatial exclusion that continue to shape the city. This report highlights the importance of expanding research on territory and culture in the urban Amazon while presenting a geographical approach that can be adapted to similar contexts.

Keywords: Territory; Accessibility; Public Schools; Amazonian Urbanization; Geography.

¹ Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, ranellydaiana@gmail.com

Introdução

O processo de urbanização da Amazônia pode ser compreendido como um fenômeno resultante de projetos geopolíticos e econômicos que, ao longo do século XX, redesenharam o espaço regional em função de interesses que pouco dialogaram com as populações e territórios locais. Becker (1990) descreve esse processo como a instauração de uma "malha" de circulação e controle sobre a floresta, que produziu cidades amazônicas marcadas por um crescimento acelerado, descontínuo e desigual. Manaus não escapa à lógica: sua expansão urbana recente não responde a um planejamento capaz de antecipar as necessidades de seus habitantes.

O presente relato articula a trajetória formativa da autora ao longo dos três Estágios Supervisionados da Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, entre 2024 e 2026. As experiências foram desenvolvidas em três escolas da rede pública de ensino, localizadas em zonas distintas da cidade de Manaus: Zona Sul, Zona Leste e Zona Centro-Sul, correspondendo aos Estágios I, II e III. A carga horária dos estágios – de 120, 150 e 150 horas, respectivamente – soma a quantidade de horas dedicadas às observações descritas no presente trabalho. As mesmas foram sintetizadas em relatórios e diários de campo, partindo da experiência pessoal da autora. Assim, serão preservados dados específicos das instituições, pois o que se discute não são as falhas estruturais de cada ambiente e sim o contexto em que estão inseridas. Os critérios adotados para a análise foram a presença de recursos de acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida, deficiências motoras e visuais. Logo, verificou-se a existência de rampas de apoio, corrimãos e sinalização tátil em cada ambiente e sua integração aos demais espaços da escola e bairro.

O relato de experiência, como gênero acadêmico, fundamenta-se na premissa de que a narração é um ato humano essencial, possibilitando a articulação entre as vivências práticas e o embasamento teórico. As aulas teóricas na universidade contribuíram diretamente para a análise proposta, nas quais autores clássicos são inseridos nas discussões da realidade local em disciplinas específicas da Geografia.

A opção por Becker, Haesbaert e Santos, e menção a Dardel, como teóricos que fundamentam o trabalho, decorre da tentativa de aplicar suas concepções a um recorte empírico ainda pouco explorado por eles mesmos: o cotidiano concreto do espaço escolar em diferentes zonas de uma capital amazônica. Os conceitos de urbanização, território, espaço e concepções relacionadas defendidas pelos autores serão mobilizados ao longo da discussão a partir da interpretação da autora. Assim, trata-se de um relato de cunho eminentemente teórico, para o qual a experiência de estágio funciona como ocasião para o exercício de leitura geográfica: um convite à reflexão sobre como categorias clássicas operam no contexto mais próximo e cotidiano da vida urbana amazônica. O território constitui-se como relação de poder inscrita sobre o espaço (Haesbaert, 2004), e a experiência de estagiar em diferentes zonas urbanas permitiu observar essa relação em sua manifestação mais imediata.

Sustenta-se que as escolas em Manaus não possuem estruturas físicas que garantam acessibilidade porque o contexto em que estão inseridas, ou seja, a cidade que as cerca também não é acessível. Nesse sentido, a escola é a continuação do tecido urbano em escala menor. Repete, dentro de seus muros, a mesma lógica de exclusão que



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1681355

organiza o espaço que a circunda. Tal constatação, amadurecida ao longo dos três Estágios Curriculares Supervisionados, é o que este texto desenvolve e analisa, mobilizando apreensões empíricas à luz da teoria. A capacidade de conectar o detalhe cotidiano a um processo histórico e estrutural faz da Geografia a lente analítica potente na compreensão do espaço.

Desenvolvimento

Antes de adentrar cada uma das três zonas urbanas que compõem esta análise, impõe-se uma ressalva conceitual. Poder-se-ia objetar que a inacessibilidade observada nesses espaços decorre, simplesmente, do relevo acidentado característico de parte da geomorfologia urbana amazônica. No entanto, esse argumento naturaliza um problema que é, para além de características físicas, político e histórico. Como demonstra Becker (1990), a urbanização amazônica se deu por meio de investimentos seletivos, concentrados em determinados eixos e polos, enquanto outras zonas da cidade permaneceram à margem do planejamento formal. O relevo é elemento de condição material do espaço, mas houve investimento sistemático em infraestrutura e mobilidade. O que está em pauta é o modelo de urbanização historicamente aplicado sobre as diferentes zonas da cidade.

Três bairros, mesma exclusão urbana

Para cada zona, analisam-se os bairros onde cada escola está localizada: Japiim, Coroado e Aleixo. Cada um possui histórias de ocupação distintas: o primeiro, relativamente consolidado; o segundo, fruto de ocupação espontânea sobre terreno universitário; o terceiro, às margens de uma via importante da cidade. Essa diversidade de origens torna produtivo o conceito de território proposto por Haesbaert (2004). Para o autor, o território não é um dado geográfico neutro e isolado. A dificuldade de circulação presente em bairros com diferentes trajetórias de ocupação sugere que o poder que se inscreve nesse espaço faz parte de um poder mais amplo, que organiza a cidade como um todo segundo os mesmos critérios de prioridade e abandono.

A urbanização por eixos seletivos ocorre quando o investimento em infraestrutura de transporte segue a lógica da via principal, e tudo o que está fora desse eixo permanece à margem do planejamento, ainda que fisicamente próximo dele (Becker, 1990). No Japiim, o acesso à escola exige subir uma ladeira e caminhar por uma rua estreita antes de, já em frente ao prédio, descer uma rampa, pois a escola se situa na baixada da vertente do terreno. O transporte público não chega perto: os ônibus circulam apenas pela avenida principal do bairro, fazendo com que quem depende desse meio de transporte tenha que subir a mesma ladeira a pé. Para ir ao estágio, era necessário utilizar linhas de ônibus que possuem paradas no sentido contrário à escola. Logo, uma dificuldade inicial que foi enfrentada durante todo o período. O trajeto diário causava cansaço; subir a ladeira e descer a rampa para entrar efetivamente na escola tirava o fôlego.

No Coroado, o padrão se repete sob outra forma: as ruas são estreitas, com muitas bifurcações, e as calçadas, quando existem, reproduzem a mesma estreiteza. O



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1681355

acesso à escola se dá majoritariamente a pé, já que apenas uma linha de ônibus corta o bairro e, para retornar por transporte público, é preciso caminhar uma longa distância e ainda atravessar a avenida principal que dá acesso ao bairro. Durante o período de estágio, caso perdesse a única linha de ônibus que vai diretamente até a escola, era preciso pegar linhas alternativas que passam em uma avenida principal e percorrer a longa rua para chegar ao local, o que trazia novamente a sensação de cansaço físico. O Coroadó consolidou-se, entre as décadas de 1960 e 1970, a partir da ocupação espontânea de uma área pertencente à Universidade Federal do Amazonas, regularizada pelo poder público apenas anos depois de já instaladas as primeiras famílias. Conforme Santos (2006), trata-se de uma autêntica rugosidade: o traçado espontâneo que organizou o bairro em sua origem não desapareceu com a regularização fundiária posterior. Permanece inscrito na malha viária estreita e labiríntica que ainda hoje se percorre, como uma camada de tempo que resiste às camadas seguintes de intervenção urbana. Um território que o poder público regularizou administrativamente sem jamais integrá-lo, de fato, à rede de circulação da cidade.

De acordo com Santos (2006), o mesmo espaço pode ser, simultaneamente, luminoso e opaco, a depender do sistema de ações que se considera. Uma via é luminosa para o fluxo veicular, receptor de investimento técnico contínuo; no entanto, é opaca para o corpo que dela depende para caminhar ou se deslocar sobre rodas, evidenciando que a luminosidade técnica de um espaço não se distribui igualmente entre todos os tipos de circulação que nele coexistem. Esse dado é teoricamente relevante porque desfaz uma possível objeção: não se trata de um problema restrito a bairros periféricos ou de ocupação irregular. No Aleixo, a situação parece, à primeira vista, mais favorável: a escola está localizada em uma via arterial importante que facilita o acesso por transporte público, por onde a variedade de linhas é maior. No entanto, a mesma via apresenta sinuosidades e curvas acentuadas, e as calçadas ao seu redor não oferecem condições de acessibilidade. A ida até a escola era feita através de diferentes linhas de ônibus, já que está localizada em uma avenida principal. Ainda assim, o desconforto causado pelas intensas curvas e assimetrias características da rua impacta quem está sentado ou em pé no transporte quase sempre lotado. Mesmo em uma via estruturante, a lógica seletiva descrita por Becker (1990) se mantém: o investimento garante a circulação de veículos, mas não a circulação de corpos.

Os três casos, lidos em conjunto, permitem articular três interpretações complementares: a urbanização seletiva de Becker (1990) explica a origem histórica dessa desigualdade; o território como relação de poder, em Haesbaert (2004), nomeia sua permanência estrutural; e a distinção entre rugosidades e luminosidades/opacidades, em Santos (2006), oferece o vocabulário para descrever como essa desigualdade é representada na própria paisagem urbana que se atravessa a caminho da escola.

A escola como espelho do bairro

É nesse contexto de acesso já dificultado pela ladeira e pela ausência de transporte próximo que se insere a escola do Japiim, e é também nesse ponto que a leitura territorial de Haesbaert (2004) se desloca de escala: na avenida e na ladeira, o território já se revelava como relação de poder que privilegia certos fluxos; o mesmo

princípio organiza o edifício escolar.

O Estágio Curricular Supervisionado I ocorreu em uma escola localizada no bairro Japiim, Zona Sul de Manaus. A escola oferece a modalidade integral e caracteriza-se por estar situada na porção inferior de uma rua, condição que já impõe um desafio de acesso ao terreno, mesmo para pessoas que não possuem limitações visuais ou motoras. Sua estrutura conta com acessos voltados à parte interior da escola, providos de rampas e corrimãos de apoio, um indício de que alguma preocupação com a circulação foi, em algum momento, incorporada ao projeto arquitetônico da escola. Contudo, essa preocupação não se sustenta internamente: uma escada conecta o térreo ao segundo andar sem que exista elevador ou qualquer meio alternativo de deslocamento vertical. Não há sinalização tátil instalada no piso do espaço escolar, o que contribui para a exclusão de alunos e demais pessoas que possuem deficiência visual. A escola resolve o problema da entrada, mas abandona a pessoa com mobilidade reduzida, dificuldade motora ou visual no limiar entre os andares, onde a acessibilidade não é pensada como princípio contínuo de circulação pelo espaço.

A escola localizada no Coroadó, Zona Leste da capital amazonense, onde foi desenvolvido o Estágio Curricular Supervisionado II, se ergue em um terreno de ruas estreitas e ônibus escassos, e a escada interna com corrimãos, que substitui o pavimento único por degraus, reproduz na escala do edifício a mesma irregularidade topográfica que, segundo Becker (1990), caracteriza a formação tardia e reativa do bairro. Essa mesma irregularidade histórica reflete-se na localização da escola: situada entre duas ruas transversais, uma das quais consiste em uma ladeira. Ainda que possua um único andar, onde se distribuem as salas de aula e demais espaços, a circulação interna permanece pontuada por degraus, reproduzindo a mesma assimetria topográfica que marcou a formação do bairro. De modo semelhante ao caso anterior, a ausência de alertas pontilhados utilizando o relevo, no chão, para auxiliar pessoas com deficiência visual é um aspecto alarmante. Essa ausência permite concluir que a escola não está apta a receber pessoas com necessidades específicas, tornando o espaço escolar inacessível para elas. A independência, autonomia e circulação de corpos são impactadas diretamente.

O Estágio Curricular Supervisionado III desenvolveu-se em uma escola localizada no bairro Aleixo, Zona Centro-Sul da cidade. Suas dependências apresentam uma configuração distinta das demais escolas observadas, e revelam uma especificidade digna de nota: o acesso à porção interior do prédio pode ser feito por uma escada, que conduz ao espaço administrativo, ou por uma rampa, que segue diretamente às salas de aula, ambas dispostas lado a lado. Como dois caminhos paralelos e, curiosamente, destinados a fins distintos. As relações de poder reproduzidas no espaço se materializam quase literalmente na arquitetura: a escada, via de acesso mais tradicional, conduz ao poder decisório da escola, enquanto a rampa, pensada em tese para ampliar o acesso, direciona-se ao espaço de permanência do corpo discente.

Neste ponto, vale recuperar Dardel (2011) e sua célebre contribuição de que o espaço geográfico é vivido pelo corpo que o percorre. Esse corpo, o do estudante que sobe a escada ou desce a rampa cotidianamente revela o que a planta arquitetônica esconderia. Em seu interior, a escola apresenta uma quantidade significativa de escadas e degraus que dão acesso às salas de aula, o que relativiza, na prática cotidiana,⁵ a



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1681355

promessa de acessibilidade sinalizada pela rampa de entrada. Das três escolas analisadas, é a única que conta com a presença de sinalização tátil em seu piso. No entanto, verificou-se que a sinalização está sem manutenção, o que compromete a eficácia de sua existência, pois não garante a acessibilidade.

Um padrão que atravessa a cidade

A observação das três escolas revela um padrão que se repete independentemente da zona urbana em que cada uma se insere: a acessibilidade, quando existe, aparece como gesto pontual. Em todas elas, há um ou outro elemento que sinaliza alguma preocupação com a circulação: uma rampa de entrada, um corrimão, uma escada com apoio. No entanto, esse cuidado se dissolve assim que o corpo avança pelo espaço escolar. A acessibilidade comporta-se como breve anúncio de inclusão, um símbolo arquitetônico que cumpre a função de sinalizar preocupação, sem de fato assegurá-la.

As três experiências evidenciam a ausência de um modelo estruturado capaz de tratar a acessibilidade como direito contínuo à circulação. A ausência, distribuída de forma semelhante por diferentes zonas da cidade, confirma a leitura proposta por Becker (1990) de que a urbanização amazônica, mesmo décadas após sua consolidação, permanece marcada por uma lógica incompleta, cujos efeitos se fazem sentir na escala da cidade e do corredor escolar.

Essa continuidade entre escalas impõe uma conclusão incômoda, mas necessária: a cidade que exclui seus cidadãos da circulação plena é a mesma cidade que projeta, sobre suas escolas, a incapacidade de garantir que todo estudante possa efetivamente ocupar o espaço escolar. Não são duas exclusões paralelas, uma urbana e outra escolar. Trata-se de uma única lógica que se estende, sem descontinuidade, nas duas dimensões.

É por isso que a escola, isoladamente, não tem como resolver essa problemática. Ainda que uma reforma arquitetônica pontual pudesse corrigir a falha mais evidente de cada edifício, o estudante continuaria enfrentando a ladeira, a calçada inexistente, a via sem sinalização, antes mesmo de chegar ao portão. A acessibilidade escolar, tratada como problema exclusivamente arquitetônico, ataca o sintoma no ponto onde ele é mais visível, mas não o território que o produz e o antecede.

Considerações finais

A formação acadêmica é um exercício constante e progressivo, na qual diferentes leituras se complementam continuamente. Ao longo dos três Estágios Supervisionados da Licenciatura em Geografia, mais do que o cumprimento de uma exigência formativa, houve a construção de uma preocupação geográfica sobre a própria cidade em que essa formação se deu. Circular por três escolas situadas em zonas distintas de Manaus significou, também, atravessar três fragmentos de uma mesma história urbana, marcada por escolhas e omissões que se repetem independentemente do bairro observado.

Essa compreensão foi possível porque a Geografia oferece as categorias necessárias para transformar observação em análise: o território, entendido enquanto a



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1681355

materialização espacial das relações mediadas por poder; a urbanização amazônica, compreendida em sua historicidade seletiva; e o corpo, como medida última da inclusão ou exclusão que o espaço impõe. Sem essas ferramentas conceituais, a rampa que não conduz a lugar algum e a escada que separa o andar térreo do superior permaneceriam apenas detalhes arquitetônicos.

O ponto crítico, que merece atenção, identificado no relato é que a acessibilidade às pessoas com deficiência visual é quase inexistente. Um padrão que compromete a qualidade de vida nos espaços urbanos e sobretudo no ambiente escolar. A escola, não sendo um espaço acessível, exclui e invisibiliza existências em sua liberdade de ser. Sujeitos com mobilidade limitada pela lógica da cidade encontram barreiras significativas também na escola que constituem.

Cabe ressaltar os limites deste relato: trata-se de uma experiência formativa individual, não de um levantamento sistemático de acessibilidade escolar em Manaus, e a assimetria documental entre os três estágios, no que tange registros fotográficos e documentais, impõe cautela quanto à generalização das observações aqui compartilhadas. Ainda assim, considera-se que esse caráter situado e vivido confere ao relato seu valor: revelar, a partir da experiência concreta de formação docente, os contornos de um problema que merece investigação mais aprofundada. Ressalva-se a importância do estágio para formação docente e para o exercício ativo do geógrafo.

As questões aqui esboçadas, a relação entre território, corpo e cidade; a urbanização amazônica como processo seletivo e inacabado; a escola como microcosmo dessas desigualdades mais amplas apontam para um percurso de pesquisa que se pretende aprofundar futuramente, articulando território e cultura na Amazônia como eixo de investigação. Se o estágio permitiu, antes de tudo, vivenciar a cidade com outros olhos, este texto é o primeiro registro desse olhar em formação, também o convite para que ele continue a se desenvolver.

Referências

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

DARDEL, Éric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

Agradecimentos

Agradeço as instituições de ensino que acolheram os três Estágios Curriculares Supervisionados, aos professores supervisores das escolas envolvidas e à orientação acadêmica da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), essenciais para a realização das experiências aqui relatadas. Agradeço, ainda, à Coordenação de Aperfeiçoamento de



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade III



2026

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1681355

Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), fundamental para a realização das vivências relatadas neste trabalho.